

# DO MOSAICO AO CROMÁTICO: CONTRASTE DE PARADIGMAS NA ANTROPOLOGIA URBANA<sup>1</sup>

André Rocha Rodrigues (UEM/Brasil)

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar um contraste entre os conceitos de “cidade mosaico” e “cidade cromática”. No início do século XX, Robert Park e Ernest Burgess afirmavam que os avanços no transporte e na comunicação transformaram radicalmente a organização social das metrópoles modernas. Em última análise, a cidade grande é descrita como um mosaico de mundos sociais que oferece tanto perigos quanto estímulos únicos ao desenvolvimento humano. Na contemporaneidade, com base em um trabalho etnográfico com travestis que atuam no mercado do sexo, apresento o conceito de cidades cromáticas. O conceito é proposto para descrever a urbe não como divisões administrativas fixas, mas como um fluxo contínuo e subjetivo que se materializa nos próprios corpos em deslocamento. Argumento que essas vivências travestis funcionam como uma cartografia viva, integrando experiências de transformação corporal e resistência política ao tecido urbano contemporâneo. Espera-se com este trabalho não a refutação do clássico trabalho de Park e Burgess, mas contrastar os pensamentos, colocando em perspectiva uma análise do século passado com uma etnografia contemporânea, de modo a instigar novas reflexões na antropologia urbana e nos estudos da cidade.

**Palavras-chave:** antropologia da cidade; cidade cromática; mosaico.

## Introdução: A Escola de Chicago

A chamada Escola de Chicago é amplamente considerada um dos marcos fundacionais da Antropologia Urbana e da consolidação da antropologia como ciência disciplina<sup>2</sup>. É fundamental salientar que essa vertente se caracterizou menos como uma corrente teórica unificada e mais como uma “escola de atividade”, um espaço institucional no qual os pesquisadores atuavam de forma integrada, sem, contudo, aderirem a um dogma teórico comum, diferentemente do que se observa em uma “escola de pensamento” (Becker, 1996, p. 79). Apesar dessa pluralidade, identificam-se ao menos dois interesses compartilhados pelos autores de Chicago: a premissa de pensar a cidade como um “laboratório privilegiado de análise da mudança social” e a formulação de uma “concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço” (Cuin & Gresle, 1994, p. 191 e 193).

O principal desafio empírico e teórico para esses pensadores era o crescimento vertiginoso das metrópoles no início do século XX. Esse adensamento urbano,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

<sup>2</sup> Magnani (2023:35) nos lembra que os “Argonautas do Pacífico Ocidental” de Malinowski foi lançado em 1922 e o “A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano” de Robert Ezra Park foi publicado em 1925.

impulsionado por intensos fluxos migratórios, gerou uma série de tensionamentos sociais. Naquele momento, os pesquisadores testemunhavam transformações extremamente aceleradas no tecido urbano e formulavam suas teses a partir de cenários marcados pela heterogeneidade dos grupos em disputa e por uma acirrada competição pelo espaço.

A exemplo da sociologia clássica, a inspiração metodológica dessa antropologia pioneira adveio da biologia, e o quadro analítico de referência ficou conhecido como “ecologia humana”. O objetivo era explicar a dinâmica urbana por meio de conceitos analíticos como dominação, invasão, sucessão e dominância, isto é, transpondo para a cidade as diferentes etapas da competição vegetal por espaço, recursos e luz solar. Esse modelo teórico delimitava “áreas naturais” e projetava a metrópole em zonas concêntricas.

Nesse sentido, a Escola de Chicago concentrou-se no crescimento demográfico, nos processos migratórios e na organização espacial desordenada. O foco recaía sobre a infraestrutura urbana, partindo de uma concepção da cidade como totalidade: uma estrutura que preexiste aos indivíduos, mas que sofria os impactos de uma ocupação repentina. Assim, a cidade figurava como o objeto principal de análise, e não apenas como o cenário passivo da investigação antropológica.

As investigações etnográficas conduzidas pelo grupo miravam temas específicos, como a delinquência, a prostituição, as minorias étnicas e a criminalidade — fenômenos que acabaram agrupados sob o rótulo de “patologia social”. Reitera-se que o interesse científico nesses grupos marginalizados residia na compreensão de como suas práticas impactavam o crescimento e a configuração morfológica da cidade.

### **Cidade Mosaico**

É nesse contexto que Robert Ezra Park vai apresentar o pensamento de “cidade mosaico”.

Não somente o transporte e a comunicação, mas também a segregação da população urbana tendem a facilitar a mobilidade do homem individual. Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram (Park, 1973: 62).

Influenciado por um viés interpretativo específico da ecologia<sup>3</sup>, Park afirmava que a expansão urbana e a disputa por espaço geravam uma segregação “natural” (materializada em guetos judeus, *Chinatown*s, *Little Italys*, bairros boêmios). Essa dinâmica transformava a metrópole em um mosaico de subculturas, colônias de imigrantes, enclaves de elite e zonas de transição que coexistiam justapostas, mas sem se misturarem por completo.

Segundo o autor, cada uma dessas áreas configurava-se como uma “região moral” dotada de códigos próprios, onde prevaleciam normas de conduta e estilos de vida divergentes da matriz social dominante. Para Park, a região moral emergia como uma resposta adaptativa dos indivíduos às crises e pressões da modernidade. Tratava-se de um refúgio espacial onde o sujeito expressava sua individualidade ou seu “desvio” imune à censura do restante da sociedade. Depreende-se daí que o conceito carrega um forte determinismo de segregação espacial: os semelhantes se atraem e se isolam geograficamente em “áreas naturais” específicas para viverem sob suas próprias regras.

Em diálogo com essa proposta, Ernest W. Burgess (1925) desenvolveu a teoria das “zonas concêntricas”, explicitando o mecanismo físico e social que estruturava o mosaico urbano. Segundo Burgess, à medida que a cidade cresce radialmente, opera-se um processo de triagem (*sifts and sorts*) que distribui os indivíduos em termos de residência e ocupação, consolidando o isolamento dos mundos sociais dentro das diferentes faixas concêntricas.

A partir da segunda metade do século XX, a antropologia contemporânea passou a criticar a rigidez desse modelo, argumentando que as peças do mosaico não são isoladas; elas se comunicam, sobrepõem-se e trocam fluxos culturais contínuos. Ulf Hannerz (1980) resgatou a metáfora de Park e Burgess, mas a reconceituou sob a ótica da antropologia cognitiva. Para Hannerz, o mosaico urbano moderno não é composto por caixas geográficas herméticas, mas sim por redes e fluxos de significados, nos quais os indivíduos transitam por diferentes “peças” identitárias ao longo do cotidiano.

No cenário brasileiro, José Guilherme Magnani (2012), embora reconheça o pioneirismo metodológico de Chicago, cunhou o conceito de “pedaço” com o objetivo explícito de se distanciar das amarras teóricas e deterministas da “região moral”.

---

<sup>3</sup> Lynn Margulis (2024), Kropotkin (2009), dentre tantos outros já demonstraram que em um sistema ecológico a ideia de uma concorrência e competição entre indivíduos é enviesada. Faz muito mais sentido evolutivamente pensar o mutualismo como um fator decisivo para evolução e coexistência ecológica.

Desenvolvido na década de 1980 em suas pesquisas sobre o lazer na periferia de São Paulo, o “pedaço” constitui uma categoria êmica que o autor eleva a instrumento analítico.

Para Magnani, o pedaço é o território situado entre o domínio estritamente privado (a casa) e o espaço público impessoal (a cidade aberta). É a esquina, o boteco, a praça ou o campo de futebol de várzea; um espaço definido pela presença regular, pelo conhecimento mútuo e por redes de sociabilidade afetiva. No pedaço, o indivíduo deixa de ser uma cifra anônima e passa a ser reconhecido por seus “chegados”. Ao contrário da ênfase de Chicago nas crises e desvios, o pedaço emerge das práticas ordinárias de lazer, celebração e fruição.

Enquanto a região moral de Park enfatiza a segregação de grupos divergentes em nichos isolados, o pedaço de Magnani opera pela lógica da agregação. Ele não isola as diferenças do restante da trama urbana; ao contrário, institui gramáticas simbólicas de pertença que servem como ancoragem segura para que o sujeito transite pela metrópole ampla.

### **Cidade cromática**

É interessante notar que os diálogos que seguiram o pensamento de cidade mosaico se orientaram por uma perspectiva etnográfica que considera o movimento, os fluxos e apropriações particulares da cidade. Nesse sentido que apresento a proposta de cidade cromática com intuito de contribuir para a atualização do diálogo contemporâneo e etnográfico com uma perspectiva clássica da antropologia urbana. Essa proposta é um desdobramento da pesquisa de doutorado e está sendo desenvolvida nesse momento no departamento de ciências sociais da Universidade Estadual de Maringá, onde sou professor.

Os estudos da Escola de Chicago e os trabalhos sobre segregação urbana foram inspiração para eu iniciar minhas pesquisas desde o mestrado. O intuito inicial da pesquisa era pensar sobre segregação de espaços urbanos ocupados por trabalhadoras de serviços sexuais em São Carlos, uma cidade média no interior do estado de São Paulo. Entretanto, em função do trabalho de campo, aos poucos fui mudando de perspectiva e fui atraído para pensar sobre como as pessoas construíam a cidade. A dissertação versou sobre as transformações, ocupações e apropriações do espaço público urbano por prostituição na cidade de São Carlos. O Objetivo foi saber a razão, desde quando e como é que a Avenida Getúlio Vargas havia se tornado lugar de prostituição. Juntamente com isso, observei como os são-carlenses, sobretudo, os moradores dos bairros próximos à região, se

relacionavam com o espaço e com a atividade ali desenvolvida. E por fim, e mais importante, observei as apropriações do espaço pelas trabalhadoras sexuais e como o produziam.

As ocupações e apropriações do espaço despertaram um particular interesse. A etnografia ajudou a perceber como as diferentes formas de apropriação espacial por mulheres e travestis. Para elas, a região da Avenida Getúlio Vargas possuía divisões, apropriações específicas e características próprias. Toda a referida área era por elas percebida como *Rua*, e esta, por sua vez, era classificada em diferentes categorias (*frente, atrás, baixo, fundo*), apresentando uma sintaxe própria, códigos internos que, de certa forma, atrelavam espaços e corpos.

Inserido no campo de estudos da Antropologia Urbana e motivado pelo conhecimento desenvolvido com a etnografia empreendida durante o mestrado, ingressei no doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal de São Carlos com o intuito de investigar se a apropriação do espaço urbano realizada por travestis observada em São Carlos era comum em outras cidades. A escolha por trabalhar com as travestis se deu em função delas serem maioria no campo realizado, além disso era perceptível que elas estavam em constante trânsito e deslocamentos por diferentes cidades, estados e países. Dessa forma, comecei investigar os vários significados dos deslocamentos que poderiam revelar a dinâmica dos deslocamentos existenciais entre gêneros associados às atividades de trânsito entre cidades e lugares pelas travestis.

O meu objetivo durante o doutorado foi analisar os vários significados dos deslocamentos realizados por travestis<sup>4</sup> que atuam nos mercados do sexo. Durante este trabalho foi possível notar uma íntima relação entre a atuação nesses mercados e deslocamentos territoriais<sup>5</sup>. E, com base no conhecimento produzido pelas travestis e

---

<sup>4</sup> Nascimento (2019) usa a expressão “universo trans” para designar um ambiente de múltipla produção de corpos, subjetividades e territorialidades que dependem da autoidentificação de pessoas como travestis, mulheres transexuais, pessoa trans, transformistas, transgeneristas, chicas trans, homens trans, entre outras categorias êmicas. Há na bibliografia uma interessante discussão sobre o uso do termo travesti. A discussão passa pela oposição ao termo “trans”, por este último reivindicar certa aceitação pública e o termo travesti ser marginalizado e ainda o debate segue por reclamar o termo travesti como sendo brasileiro e latino-americano. Ver sobre isso em Vartabedian (2012). Barbosa (2013) argumenta que travesti e transexual são categorias performativas, e que tal performatividade não se esgota apenas em enunciados de gênero e sexualidade, mas pode ser expressa por meio de articulações contingentes que remetem a diferenças de classe, cor/raça e geração. Eu optei pelo termo travesti em função de ser como elas se autodeclaravam e por ser parte das divisões e classificações espaciais que elas faziam na cidade para designar o lugar onde ficavam mulheres, travestis e michês na oferta de serviços sexuais.

<sup>5</sup> A literatura sobre travestis já sinalizava para a relação entre travestis e territórios. O trabalho de Larissa Pelúcio (2005) evidencia a importância dos territórios de prostituição como locais fundamentais para a construção do “ser travesti” (Pelúcio, 2005).

ajuda da etnografia, notei que os deslocamentos revelavam uma dinâmica de movimentos existenciais das travestis associados às atividades de trânsito entre cidades e lugares.

Identifiquei evidências desses deslocamentos entre cidades brasileiras, e realizei trabalho de campo em três delas: São Carlos/SP, Campo Grande/MS e Franca/SP. A etnografia ajudou a alargar o entendimento e a noção de deslocamento para compreender melhor a dinâmica deslocada de experiências. Nessas experiências, mobilidades, relações e a produção do corpo travesti ocorrem durante os deslocamentos, não como fim último ou em função deles<sup>6</sup>.

Uma das primeiras vezes que ouvi a afirmação de que as travestis estavam em constante deslocamento foi quando entrei em contato com uma interlocutora da pesquisa, via aplicativos de mensagens no celular, após não a encontrar na cidade de São Carlos/SP por dias seguidos. Segundo ela, as travestis “*não tinham parada*” e “*não se prendiam a lugar nenhum*”<sup>7</sup>, explicitando verbalmente o que foi potencializado pela etnografia. Tal trabalho etnográfico ajudou a compreender que há um modo de vida, um jeito de estar no mundo que compreende movimentos contínuos. Tais deslocamentos são positivos. Ou seja, fabricam deslocamentos geográficos, relações e sentidos.

Além disso, os deslocamentos produzem uma experiência de cidade muito relacionada com o corpo travesti e toda sorte de aprendizado de técnicas e modificações corporais. Uma rinoplastia poderia ser feita em Campo Grande/MS, enquanto técnicas de se maquiar e andar de saltos poderia ser aprendida em Franca/SP; e uma cirurgia de implantação de silicone nos seios poderia ser realizada em São Carlos/SP. Contudo, essa relação entre corpo e cidade existe sem traçar um padrão dos lugares dos serviços ou criar uma teleologia dos movimentos. O corpo está em um tornar-se ao longo dos deslocamentos e a experiência vivida produz não só uma percepção diferente, mas outra ideia de cidade. Uma vez que não se compreende a cidade como um lugar que estabiliza a vida, um local pré-concebido, mas como um espaço contínuo e constantemente reinventado, ressignificado pelos deslocamentos de e nos corpos, de relações e sentidos.

Com base neste trabalho etnográfico, argumentei (Rodrigues, 2022) que, para compreender as várias ordens de deslocamentos de travestis, é necessário compreender

---

<sup>6</sup> Corroborando com trabalhos que analisam experiências de sujeitas em realidades urbanas que não estejam necessariamente em grandes centros ou que buscam esses grandes centros para sua existência. Tais trabalhos enfatizam narrativas pessoais, mobilidades e derivas (Passamani, Marques e Efrem, 2022). Outros trabalhos, nesse sentido, pensam experiências de corpo, gênero e sexualidade além das vivências das regiões Sudeste ou Sul (Gontijo, 2017).

<sup>7</sup> Essas expressões grafadas em itálico são das travestis que trabalharam comigo durante a pesquisa.

os movimentos como uma máquina de moto-contínuo, não determinados por imperativos que levariam necessariamente aos deslocamentos de um lugar para outro, em busca de algo, muito menos como algo excepcional. No contexto observado os deslocamentos se configuravam como um modo de estar no mundo. Os eventos ocorriam durante os deslocamentos, não em função deles.

Os deslocamentos no contexto travesti, ou os deslocamentos como uma forma de estar no mundo, como foi explicitado com o encerramento da pesquisa, suscitaram questões sobre a relação entre as travestis e as cidades. Não somente sobre a relação entre os deslocamentos físico/espaciais e as cidades onde foram verificados estes deslocamentos, mas a respeito da experiência de cidade que se constrói durante os deslocamentos. A relação entre corpo e cidade e a produção da cidade desde um pensamento travesti foi o ponto de partida para a proposta de pesquisa em andamento. Apresento a seguir o argumento de que, ao se deslocarem, as travestis revelam que a urbe pode ser pensada como uma soma de cidades: um espaço contínuo que dissolve os lugares, como em uma imagem de um círculo cromático. E, ao mesmo tempo, é possível pensar em cidades singulares, em que os corpos das travestis são uma espécie de cartografia. Dessa forma, é possível refletir sobre como cada corpo expressa uma cidade singular, que é a soma de todas as cidades pelas quais a travesti transita.

Um dos motivos dos deslocamentos e viagens realizadas por travestis é *“conhecer”*. *“a gente vai pra conhecer também, como história de vida, aprendizado, sabe? Conhecer novos amigos, novas pessoas é tudo de bom, é bom demais”*, afirmou Jackeline, uma travesti parda, de 25 anos, em uma conversa que tivemos em Franca/SP. O *conhecer*, ao se apresentar também como processo, não apenas como finalidade, revela que a urbe das travestis é uma soma de cidades, um espaço contínuo que dissolve os lugares em imagens cromáticas de cidade. Cromatismo aqui pensado como a propriedade de dispersão, decomposição e recomposição da luz por meio de objetos. A luz, após passar por um objeto, decompõe-se e recompõe-se em outro, saindo de uma região da cor para outra de forma inesperada. A imagem de uma escala cromática de cores ajuda a pensar o deslocar das travestis entre cidades, estados, países e continentes. Quero dizer com isso que as travestis passam de uma cidade para outra de maneira semelhante às variações de tonalidades em uma tabela de cores de uma escala cromática.

Em uma escala cromática de cores, é difícil situar exatamente um lugar específico de um vermelho puro. Ao se movimentar, pode-se sair do vermelho e inesperadamente atingir um azul violeta ou até mesmo um verde sem perceber a passagem pelo violeta,

laranja e amarelo. Da mesma forma, os deslocamentos travestis não operam segundo unidades discretas, organizações estatais, político governamentais e de fronteiras. O deslocamento se dá ao longo de *linhas*, contatos que fazem entre si, e as transformações corporais de forma semelhante.

Dado o exposto, quero pontuar de forma reiterada que esses cálculos e planejamentos que compreendem uma cidade como um ponto circunscrito e delimitado não povoam o imaginário dos deslocamentos das travestis. Como exemplo, podemos olhara para a trajetória de Monique que foi surpreendida com um convite de outra travesti para ir para Europa. Ela aceitou e em duas semanas já estava em território europeu sem data agendada para volta. A experiência de Monique ajuda a ilustrar a ausência de planejamentos prévios e de respeito por convenções administrativas urbanísticas por parte das travestis. Dessa forma, é possível criar a imagem de cidades dispostas como em uma escala cromática que, ao se movimentar, geram uma imagem monocromática, ou seja, uma cidade que é um montante de outras cidades, um espaço continuado.

A cidade cromática é pensada aqui como espaço contínuo com base na perspectiva das travestis, concebida a partir dos deslocamentos (irregulares) realizados pelas travestis e de como elas se relacionam com as cidades. Esse argumento se relaciona com a proposta de Silvana Nascimento (2018) sobre novas possibilidades de pensar o urbano que não estão diretamente associadas a cidades específicas, mas a um complexo urbano de cidades médias e pequenas, tal qual é a tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia. Nesse complexo urbano, há uma forte presença de travestis e transexuais em constantes fluxos e circulações não só entre cidades, mas também ao longo dos rios, atravessando as fronteiras (Olivar, 2014; Nascimento, 2018). Esse complexo urbano não é definido por cada unidade administrativa separadamente, mas pelas relações que essas cidades estabelecem entre si e pelas maneiras pelas quais pessoas e coletividades circulam e as classificam.

Essas cidades fronteiriças aparecem como uma única cidade, como um holograma construído pelas travestis que habitam a cidade para além dos limites geopolíticos, quando pensada a partir da estreita relação entre a produção de beleza, transformação corporal, economias sexuais e deslocamentos espaciais. Nesse sentido, corpo e espaço estão embutidos em um jogo permanente de desejo, consumo e mobilidade. E, assim, entre corpo e espaço, são produzidas subjetividades e afetividades.

Segundo Nascimento (2018), essas “cidades desejo” seriam expressas como uma cidade devir, uma cidade que se dá nos interstícios, não apenas localizada em um mapa



político administrativo, mas em territorialidades que são feitas e refeitas por experiências urbanas materializadas dentro e fora das “cidades oficiais”, que tomam forma em sua mobilidade e heterogeneidade.

Ainda segundo a autora, pela perspectiva de travestis e transexuais, os espaços urbanos são traçados pelas demandas corporais, afetivas e econômicas que os localizam na paisagem de bairros nas cidades fronteiriças do Alto Solimões, principalmente onde circula um grande número de pessoas, como margens de rios e avenidas. Essas “cidades desejo”, cidades da fronteira, do complexo urbano, podem ser definidas pela mobilidade espacial e transformação corporal e pensadas como lugares estratégicos em que circulação e mobilidade são presentes na constituição de uma certa “trans urbanidade” (Nascimento, 2018: 10), que ocorre precisamente na impermanência e movimento entre as cidades nas margens urbanas.

As cidades cromáticas dialogam e se aproximam das “cidades desejo” (Nascimento, 2018). Contudo, apesar de também não pertencer ou se limitar a unidades administrativas, penso a impermanência e o movimento constante não diretamente ligados à condição de fronteira, como um lugar estratégico, tático, planejado em função de uma “natureza” de circulação e mobilidade, mas à noção de pessoa travesti, que *não tem parada, não se prende a lugar nenhum, cria linhas, sai doida e viaja para conhecer*. As cidades cromáticas podem até ser um holograma de uma cidade elaborada a partir das travestis, mas elas devem ser pensadas com base nos atos das travestis e não de algo que lhes escapa, que lhes é externo, como uma condição político-econômica de fronteira física.

As travestis não somente se aproveitam dos movimentos existentes, apesar de até fazerem isso, mas não são exclusivamente guiadas por eles. Elas não dependem de uma condição dada, não planejam rotas a partir dessas condições de movimento; elas criam os movimentos. Elas não mudam de acordo com a cidade, elas mudam a cidade. *“Cidadezinha de interior é melhor que capitais. Interior é maravilhoso! Porque é novidade, as pessoas ficam ‘Ah, Nossa! Travesti! Meu Deus! O povo choca! É algo novo, entendeu? A maioria gosta, fica curioso e procura”*, relatou Keith sobre o contraste e mudança causada por uma travesti em cidades como Chapadão do Sul/MS, de pouco mais de 15 mil habitantes, Coxim/MS, com pouco mais de 31 mil habitantes, ou Telêmaco Borba/PR, com aproximadamente 79 mil habitantes. Por isso, a ideia de que criam uma cidade para si no momento que se deslocam e de que essa cidade existe no decorrer dos deslocamentos.

A cidade cromática se apresenta como contínua em função das *linhas* que as travestis criam. Essas *linhas* possibilitam os deslocamentos entre cidades (no sentido formal, político-administrativo) ocorrerem. Quando as *linhas* são criadas, a distância física, as fronteiras, ou qualquer limite decorrente de um imaginário de gestão pública não exercem influência decisiva para as travestis em seus deslocamentos. O fato de haver *linhas* entre elas faz com que a cidade cromática seja um espaço contínuo, que existe ao longo dos deslocamentos. Assim, a cidade que é elaborada à medida que as travestis se deslocam nela. Ou seja, a cidade cromática é construída nos movimentos.

Todavia, as cidades são compostas por uma miríade de relações, as quais colocam para as travestis negociações constantes com os espaços. Durante os deslocamentos, as travestis elaboram sua cidade, mas não sem encontros e conflitos com outras organizações e modos de pensar os territórios. Em São Carlos/SP, por exemplo, as travestis costumavam ocupar a região próxima ao cemitério Nossa Senhora do Carmo, na região norte de cidade, mas, após sofrerem perseguição policial, deslocaram-se para o centro da cidade, na região da praça do jardim público, próximo à Catedral de São Carlos. Nessa área, travaram conflitos com os padres e habitantes, forçando-as a mudar de região. Atualmente, ocupam a região da Avenida Getúlio Vargas na parte sul da cidade (Rodrigues, 2015).

Além das negociações com outros atores da cidade, as travestis negociam entre elas e entre as outras pessoas que participam dos mercados do sexo que operam na *Rua*. As barganhas realizadas entre elas criam espaços classificatórios, como lugar de travestis mais novas, mais velhas, com mais ou menos roupa. Apesar da dinâmica presente no contexto travesti, na qual, como visto, aponta para relações não enrijecidas e sem problemas nas transições do corpo-gênero, permitindo que elas se tratem por *bicha*, *trans*, *viado*, *mulher* e *travesti*, a construção social dos espaços de consumo não acompanha essa fluidez.

As demarcações espaciais que classificam os territórios como locais de travestis, espaço para mulheres e região dos michês masculinos são fruto de conflitos e negociações entre os atores dos mercados do sexo, mas também se dão em função de uma demanda própria de organização social de espaços de consumo.

O cliente que procura serviços sexuais tem suas preferências e não gosta de ser surpreendido. Algo muito semelhante ao retratado no filme *Tangerine* (Sean Baker, 2015), quando o taxista Razmik fica extremamente indignado por confundir uma mulher com uma travesti. Razmik é cliente assíduo dos serviços ofertados pelas travestis e costuma

frequentar os lugares onde as travestis transitam. Certa ocasião, o taxista convida para o seu carro uma mulher que estava na calçada a espera de clientes. Quando Razmik constata que ela não é travesti, solicita que ela saia do carro imediatamente dizendo “*Aquela quadra que você estava trabalhando ali? Não é para mulheres. Você não deveria estar lá. Quadra errada! Rua errada para você! Não trabalhe naquela rua! Aquela rua não é para mulheres!*”<sup>8</sup>. Situação que exemplifica a razão das divisões espaciais, conforme Raabe me explicou: “*é bom pro cliente e é bom pra gente também, o cliente sabe onde a gente tá e vem direto*”.

Contudo, essas fronteiras e delimitações não são estáticas e intransponíveis. É possível encontrar mulheres em territórios de travestis e vice-versa, assim como acontece de se deparar com michês nos locais ocupados por travestis e o contrário também ocorre.

Um hotel localizado no centro de Campo Grande/MS, na região ocupada por travestis, era frequentado por mulheres e travestis. Após acompanhar Britney até o referido hotel para receber um *cliente*, minha interlocutora, ao avistar uma “amiga” mulher saindo ao fim de um programa acompanhada por um cliente homem, pediu “*você vai voltar pra praça [Ary Coelho]? Você pode dar uma carona pro meu amigo?*”, ao que a mulher consultou seu cliente e, com a resposta positiva, fez-me a gentileza. O cliente era um gerente comercial de uma empresa situada em Porto Alegre, de passagem a trabalho em Campo Grande/MS. No caminho, no interior do carro, nós três: um cliente, um antropólogo, uma mulher, conversamos sobre vinhos tintos nacionais produzidos no Rio Grande do Sul, após sair de um território que supostamente abrigaria somente travestis e seus clientes.

São movimentos, como esse serve de exemplo, que explicitam os deslocamentos cromáticos, de um espaço da cidade a outro, ausente de disrupções ou conflitos, que caracterizo os deslocamentos das travestis entre lugares, cidades, estados, países e continentes. Embora exista certo jogo político das travestis com as cidades, na conquista dos espaços, divisões, espaços classificatórios, o confronto das travestis com a urbe não se dá no modo institucional, de ceder ou não ceder em relação à cidade.

Nesse jogo de negociações, Keith apenas fazia menção a um “*ritmo da cidade*” que precisavam estar atentas, mas não impõe sobre elas limitações nos deslocamentos. Esse “*ritmo da cidade*” fazia referência aos horários de atendimento a *clientes*. Em cada cidade há um certo perfil de *cliente* e horários mais disputados, de movimentos intensos

---

<sup>8</sup> Tradução livre para “That block you’re working over there? That’s not for pussies. You shouldn’t be there. Wrong block. That’s the wrong track for you. Don’t work that track! That track is not for pussies!”

de procura por *programas* com as travestis. Em São Carlos/SP, por exemplo, as travestis já estavam na *Rua* perto de 20 horas, pois nesse horário havia grande procura. Já em Campo Grande/MS, o movimento se intensificava após às 22 horas e, segundo Keith, por volta das 6 horas e 30 minutos havia muita procura: “*os homens deixam a mulher no trabalho, o filho na escola e ligam pra gente*”.

Esse “*ritmo da cidade*”, para permanecer na ilustração sugerida, corresponderia a uma localização na escala cromática. Contudo, não faz de cada cidade visitada pelas travestis um ponto isolado, sobretudo, considerando que ao *não ter parada* e *não se prenderem a lugar nenhum*, o círculo cromático está sempre em movimento, produzindo a imagem holográfica de uma única cor, ou uma única cidade.

### **Considerações de encerramento**

Para encerrar o texto, ampliando o argumento, é possível não pensar apenas em uma cidade contínua para todas as travestis, mas cidades singulares em que os corpos das travestis são uma espécie de cartografia, um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que se apresentam como metáforas de suas trajetórias. Os deslocamentos se tornam visíveis nos corpos, na medida em que um penteado foi aprendido em Ribeirão Preto/SP, uma cirurgia para implantar silicone nos seios foi realizada em São Paulo/SP, o implante de silicone industrial nas nádegas, quadris e pernas foi realizado em São Carlos/SP, por uma *bombadeira* de Campinas/SP, técnicas de depilação, maquiagem e “*aqueendar a neca*” foram adquiridas em Campo Grande/MS etc.

Dessa forma, mais do que pensar um corpo espalhado, é possível refletir sobre como cada corpo expressa uma cidade singular, que é a soma de todas as cidades pelas quais a travesti transita, suas *linhas*, relações e sentidos. Esse corpo não é uma síntese incompleta ou inconclusa da relação entre corpo e cidade, mas um ato contínuo, feito, desfeito e refeito por meio de relações sem pretensões de um fim. O corpo travesti expressa o conhecimento, uma memória urbana, uma inscrição, um registro de sua experiência na cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta.

Pensar a cidade cromática como uma cidade ímpar que agrega continuamente outras cidades é não fazer distinção entre objeto cartografado e sua representação, uma vez que a relação é recíproca e contínua. Dessa forma, há uma continuidade entre corpo e cidade como instâncias de um único processo de coplasticidade, instaurado pelo engendramento entre a cidade e a corporalidade das travestis.

Encerrando, penso que a cidade cromática dialoga e radicaliza a proposta teórica e metodológica de Magnani (2002) sobre um olhar “de perto e de dentro”, pois também se propõe

partir daqueles atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio do uso vernacular da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua dinâmica cotidiana (Magnani: 2002: 18).

O objetivo deste trabalho não foi a refutação do clássico trabalho de Park e Burgess, mas contrastar os pensamentos, colocando em perspectiva uma análise do século passado que inspirou a antropologia urbana brasileira com uma etnografia contemporânea, de modo a instigar novas reflexões na antropologia urbana e nos estudos da cidade. Além disso, a proposta de pensar uma cidade cromática caminha para concordar com formulação de Frúgoli (2005) de pensar uma antropologia que seja *na e da* cidade simultaneamente; e, inspirada por Holston (1996: 252, 253), propor uma teoria etnográfica do urbanismo. Penso que esses sejam desenvolvimentos futuros.

### Referências bibliográficas

- BAKER, Sean. **Tangerine**. Magnólia Pictures, 2015. 1 filme (88 min).
- BARBOSA, Andréa. Quintais produzindo a vida da cidade: como espaços cultivados na região metropolitana de São Paulo se configuram como movimento de construção de socialidades e afetos. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 24, n. 64, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/130305>. Acesso em: 11 out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.130305>.
- BECKER, Howard S. Conferência: a escola de Chicago. **Mana** – Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BURGESS, Ernest W. Concentric zone theory. In: PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W.; MCKENZIE, Roderick D. **The city**. Chicago: University of Chicago Press, 1925
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. **História da sociologia**. São Paulo: Ensaio, 1994. (Cadernos Ensaio Pequeno Formato, 10).
- FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 1, p. 133–165, jan. 2005.

- GONTIJO, Fabiano. As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 1, p. 50-53, mar. 2017. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000100017&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 nov. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100017>.
- HANNERZ, Ulf. **Exploring the city**: inquiries toward an urban anthropology. New York: Columbia University Press, 1980.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOLSTON, James. Espaços de cidadania insurgente. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 243-253, 1996.
- KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua**: um fator de evolução. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MARGULIS, Lynn. **Planeta simbiótico**: um novo olhar sobre a evolução. Lisboa: Edições dos Olivais, 2024.
- NASCIMENTO, Silvia de Souza. Desire-cities: a transgender ethnography in the urban boundaries. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 15, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v15n1a501>.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta**: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987 [1916]. p. 26-67.
- PASSAMANI, Guilherme; DA ROSA, Marcos Vinícius; STRITAR ALAMAN, Jeferson. Escorts brasileiros em Lisboa: trânsitos, desejos e negociações nas economias sexuais em contextos transnacionais. **Análise Social**, v. 57, n. 243, p. 256-279, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022243.03>.
- PASSAMANI, Guilherme Rodrigues *et al.* A itinerância do desejo: modos de subjetivação e territorialidades em diálogo com Néstor Perlongher. **Cadernos Pagu**, n. 66, e226606, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200660006>.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 217-248, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200009>.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RODRIGUES, André Rocha. Perpetual motion: displacement of travestis from an ethnographic perspective. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 19, e19606, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412022v19e606>.

RODRIGUES, André Rocha. **A gente não tem parada**: etnografia e deslocamentos (de) travestis. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13881>.

RODRIGUES, André Rocha. **Rua da frente**: Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos - SP. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015.

VARTABEDIAN, Julieta. **Geografia travesti**: cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro-Barcelona). 2012. Tesis (Doctorado) – Departament d'Antropologia Cultural i Història d'Amèrica i d'Àfrica, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2012.